

Por terras de sol e de dor – Traços de permanências e continuidades espaciais do sistema de lugares do vale do Douro na Contemporaneidade

Mário João Mesquita*

A apresentação desta comunicação decorre do extenso trabalho de análise do território realizado desde 2007 o qual visa questionar a fragilidade objectiva da geometria associada ao zonamento da área nomeada pela consigna “Douro – Património Cultural da Humanidade”, inserido num projecto de investigação do território duriense apoiado pelo Centro Português de Fotografia e pela Fundação Museu do Douro, instituições que têm acolhido na sua programação, as exposições entretanto realizadas.

A paisagem duriense, circunstanciada ao vale do Douro, ultrapassa, no meu entendimento, a delimitação consagrada na área abrangida pelo galardão internacional tal como equacionada na candidatura aprovada pela UNESCO.

Esta área protegida peca pelo amarramento excessivo a lógicas rígidas de zonamento, excluindo vastas paisagens que nela deveriam estar integradas pelos importantes factores comuns partilhados. O perigoso e cristalizador traçado “a régua e esquadro”, embora desenhando cenários turisticamente apetecíveis para quem navega nos cruzeiros, falha num objectivo fulcral: a preservação, salvaguarda e regulação de uma região de paisagem plural, onde, num tempo longo, conviveram as partes, e se inventou um todo unitário, forte e coeso. A geometria do traçado actual desta área protegida resulta somente cenográfica, restringindo a composição da paisagem aos primeiros planos, observáveis do rio, ou seja, apenas às margens.

A afirmação do Douro como região, social, económica e cultural, ganharia espessura e conteúdo, se o processo de ordenamento do território e de delimitação da paisagem fosse “desenhado” em forma de “mancha de óleo”, de geometria variável, associado à leitura da matriz de implantação dos aglomerados populacionais – maioritariamente aldeias – e aos percursos entre eles, os quais, conjugados com as paisagens natural e mecanizada, definem um território contínuo, com traços comuns no troço português do rio. É, de facto, um território martirizado pela fúria galopante da litoralização que lhe foi roubando gente, desestruturando comunidades e ameaçando a imagem da paisagem, mas, paradoxalmente, é também um património cultural que vai sabendo temperar a resistência, por entre rupturas e continuidades.

O processo associado a esta investigação é sobretudo devedor de métodos de observação qualitativa e tem como base de trabalho o inquérito no terreno e o levantamento iconográfico, de matriz realista, sem filtros ou manipulações visuais, que visita e regista a condição e circunstâncias contemporâneas, tentando dar leitura à expressão tectónica e plástica, territorial e social do sistema de Lugares deste território, unidos por fortes traços de identidade comuns, diversos nas múltiplas texturas, materiais e cromatismos.

* Arquitecto. Mestre em Planeamento e Projecto do Ambiente Urbano. Docente de Projecto I no MIARQ da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

Realizado a partir do estudo da cartografia histórica, da análise antropológica e do registo fotográfico da imagem das aldeias, retrata-nos um processo declarado de abandono e perda cultural gritante que urge inverter, nessa geografia das aldeias que se relacionam física ou economicamente com o Douro, desde Freixo-de-Espada-à-Cinta até à Foz, *falando-nos* de percursos, de espaços, de construções e de gentes.

A proposta reflexão teórica sublinha a importância da valorização patrimonial das permanências tectónicas de carácter popular presentes neste território e é montada a partir do uso da fotografia como técnica qualitativa de análise do real, visando a compreensão das singularidades identitárias deste património material e imaterial.